

Editorial Almanaque XX

Kátia Mariás

Voilà! Chegamos à vigésima edição do Almanaque! Aqui, você, leitor, poderá realizar um *travelling* pelo tema do nosso XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, “A queda do falocentrismo: consequências para a prática analítica”, que ocorrerá no Rio de Janeiro, de 23 a 25 de novembro. Seleccionamos textos importantes e acreditamos que muito auxiliarão e provocarão seu mergulho nas incidências clínicas do declínio dos semblantes, que não oferecem mais a garantia e um arranjo com o gozo regrado pelo falo.

Em *Trilhamentos*, Jésus Santiago e Camilo Ramirez abordam exuberantemente que o sintagma contemporâneo “declínio da virilidade” não é privilégio da civilização atual. Jésus Santiago, em “Adeus ao pai morto ou clínica da pai-versão”, afirma que o significante-mestre da modernidade, o culto ao ‘Um-inteiramente-só’, contrapõe-se ao ideal feminista de ‘igualdade entre os sexos’ e adverte que o psicanalista surdo à reivindicação feminista da igualdade entre os sexos permanece nas sombras, escutando o inconsciente pela orelha do amor ao pai. Ramirez, em “Vacilações salutares: *travelling* pela virilidade no século XX”, apresenta retratos de homens no cinema que revelam o quanto a virilidade depende de uma construção fantasmática, na qual o que se destaca não é a elevação fálica, mas certa separação do objeto que vem tamponar a castração. Demonstra, ainda, que cada grande transformação na história mundial produziu um sentimento de desperdício viril ao mesmo tempo que certo triunfo da feminização.

Mônica Campos nos presenteia com a resenha “O saber absoluto e o declínio do viril”, em que J.-A. Miller, a propósito de “Buenos dias, sabiduría”, parte de um problema tratado por Kojève ao saber o que este chama de “verdadeiro mundo novo”. Kojève extrai, das novelas de Françoise Sagan, as consequências do saber absoluto na relação sexual. A época do saber absoluto é, portanto, correlata do declínio do viril, ou, como ele diz, “encontramo-nos em um mundo sem homens”. A tese defendida por Miller é que o declínio e o desaparecimento do viril não são possíveis de serem pensados sem o declínio do pai.

Você encontrará também uma bibliografia sobre o tema da queda do falocentrismo.

Com o rigor e a generosidade que lhe são peculiares, Antônio Teixeira responde, em *Entrevista*, à duas perguntas cruciais sobre a querela Lacan e Derrida presentes no conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, desvelando a verdade precária da ordem fálica e o apagamento de toda referência ao ideal.

Na rubrica *Incursões*, temos seis textos: três deles de colegas de Minas e outros três produzidos por colegas de outros continentes. Rose-Paule Vinciguerra, em “O avesso da ficção masculina”, afirma que, em relação ao desejo, não é possível concluir tão rapidamente que os homens representam o sexo forte. Na verdade, com uma mulher, um homem não sabe o que fazer. Em “Paradoxal virilidade”, Fabian Fajnwaks constata que, para representar o macho, nossa civilização do empuxo-ao-gozo perdeu tudo no que diz respeito a qualquer semblante, particularmente ao semblante fálico. O verdadeiro ganho de uma análise e a subversão que ela introduz em relação ao triunfo do vazio contemporâneo no que diz respeito aos semblantes é que ela permite situar o real em jogo na fantasia do falasser, autorizando-o a se desidentificar das posições que o impede de aceder a uma posição desejante. Ainda em *Incursões*, temos alguns textos que dialogam entre si. Philippe Lacadée, em “A violência no jovem: sintoma ou não?”, retoma a intervenção de Jacques-Alain Miller na Jornada do Instituto da Criança para diferenciar a violência do ódio: o amor, como o ódio, são modos de expressão afetiva de Eros. O ódio está do lado de Eros e, portanto, trata-se de um laço social. A violência, por sua vez, está do lado de Thanatos, do lado da morte. Adverte que levar em consideração apenas o comportamento violento pode confirmar e produzir ainda mais violência. Cristiane de Freitas Cunha, seguindo a mesma via que Lacadée no que tange à violência entre os jovens, interroga, em “A radicalização da recusa frente à inexistência da relação sexual”, o radicalismo de algumas das formas contemporâneas da recusa como modalidade de defesa do sujeito diante da inexistência da relação sexual. Ana Maria Lopes parte da polêmica série *13 Reasons Why* para diferenciar ‘passagem ao ato’ de *acting out* para abordar o suicídio na adolescência como paradigma na clínica do ato. Nessa série, a personagem endereça fitas cassetes gravadas por ela mesma, descrevendo os motivos que a levaram ao suicídio. Cada um dos lados dessas fitas revela tentativas de soluções precárias, que se inscrevem na perspectiva especular e dão consistência à erotomania mortífera que se concluirá no ato suicida. Aline Aguiar Mendes aborda, em “O valor de uma aposta: *Tecendo a Rede* nas instituições de saúde”, a função da conversação para a construção do caso clínico com equipes de saúde mental no campo da infância e da adolescência. A aposta com as equipes é que se tornem

aprendizes, introduzindo a dimensão da causalidade, evitando, assim, práticas de controle e segregatórias.

Na rubrica *Encontros*, os textos de Bernadete de Carvalho e Admardo Gomes Jr., frutos de um seminário clínico no Núcleo de Psicanálise e Direito, discutem subjetividade e trabalho, a partir de fragmentos de casos de psicose. Bernadete, em “O mundo do trabalho e subjetividade nas psicoses: identificações, estabilizações e desencadeamentos”, chama a atenção para o fato de que, depois de tanto afirmar a importância do trabalho como forma de inscrição dos sujeitos no Outro e como um campo de soluções para as inclinações do gozo, ele também é um contexto fecundo para as interpretações delirantes na paranoia. Admardo, em “Conter e contar a vida secreta das palavras”, comenta o filme *A vida secreta das palavras*, em que vemos as relações estabelecidas pelos sujeitos com o trabalho e as consequências para suas vidas.

Em *De uma nova geração*, temos “Entre a cruz e a espada: culpa e gozo em um caso de neurose obsessiva”, de Rodrigo Almeida. O autor retoma o tema do masoquismo e as mudanças que Freud introduz ao longo da sua obra, evidenciando sua dimensão econômica e a presença da pulsão de morte na pulsão de vida. Rodrigo Almeida aponta a função que a análise desempenhou em um caso em que o gozo mortífero tomava a cena da vida do sujeito e como foi possível conter algo da ordem da sua atuação.

Vale uma parada sobre os textos que, cuidadosamente, escolhemos para nos orientar durante este semestre e, assim, nos prepararmos para o grande Encontro de outubro, no Rio.

Com a palavra, nossa Coordenadora do Almanaque, Ludmilla Féres Faria:

Este Boletim, de número 20, é o último da diretoria composta por Ana Lydia Santiago, como diretora-geral, e Maria José Gontijo Salum, diretora-secretária. Agradecemos às duas, bem como às colegas Lilany Pacheco, diretora de Seção Clínica, e Graciela Bessa, diretora de ensino, pela oportunidade, confiança e trabalho profícuo durante o biênio 2016-2018. Aproveitamos para renovar, em



nome da diretoria-geral e de publicação, nossos agradecimentos à equipe de publicação, que se dedicou, durante este biênio, à construção dos espaços *Almanaque, Minas com Lacan* e *Agenda*, além das páginas nas redes sociais. Foi um prazer trabalhar com vocês e gostaria de registrar aqui o nome de cada um: Bruna Albuquerque, Cristina Vidigal, Ernesto Alzalone, Jorge Mourão. Letícia Soares, Lisley Braun, Kátia Mariás, Márcia de Souza Mezêncio, Márcia Bandeira, Maria das Graças Sena, Michelle Sena, Mônica Campos , Renato Sariedinne e Virginia Carvalho.